

Metonímia e metáfora em construções lexicais no português do Brasil

(Metonymy and metaphor in Brazilian Portuguese lexical constructions)

Margarida Basilio

Departamento de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

marbas@centroin.com.br

Abstract: This study is concerned with the role of metonymy and metaphor in Brazilian Portuguese lexical constructions. Initially, we introduce the concepts for conceptual metonymy and metaphor to be used in the study. Then, the role of metonymy in derivation is shown as we analyze derived lexical constructions (deverbal agent nouns, patient nouns and diminutives) in Portuguese. Finally, a preliminary analysis of the role of metaphor in Brazilian Portuguese compounds is presented.

Keywords: metaphor; metonymy; lexical constructions; derivation; compounding; portuguese.

Resumo: Este trabalho aborda o papel da metonímia e da metáfora em construções lexicais no português do Brasil. Após breve definição dos conceitos utilizados, são apresentadas análises de construções lexicais derivadas na língua portuguesa e definido o papel da metonímia nessas formações (nomes de agente e paciente; diminutivos). Na parte final do trabalho, faz-se uma análise preliminar do papel da metáfora em formações compostas no português brasileiro.

Palavras-chave: metáfora; metonímia; construções lexicais; derivação; composição; língua portuguesa.

Introdução

Neste artigo, sintetizo alguns resultados do trabalho que venho realizando nos últimos anos sobre o papel da metonímia e da metáfora na formação de palavras. De início, exponho os conceitos de metonímia e metáfora conceptual a serem utilizados no texto e ressalto a importância desses mecanismos cognitivos na formação de palavras e constituição do léxico. Em seguida, analiso o papel da metonímia em três tipos de construções lexicais derivadas no português do Brasil. Na última parte do trabalho, apresento uma análise preliminar da metáfora em construções lexicais compostas.

A definição de metonímia conceptual mais frequentemente citada em abordagens cognitivas é a de Radden e Kövecses (1999, p. 21), segundo a qual a metonímia é um processo cognitivo em que uma entidade conceptual – o veículo –, provê acesso mental a outra entidade conceptual – o alvo –, dentro do mesmo modelo cognitivo idealizado. Essa definição circunscreve a relação metonímica a entidades, interpreta de modo mais preciso a noção tradicional de metonímia como representação de alguma coisa por outra que lhe seja associada por contiguidade e transfere a noção do objetivismo clássico para o conceptualismo cognitivista. A noção de modelo cognitivo idealizado (ICM) inclui tanto o conhecimento enciclopédico relativo a um determinado domínio conceptual quanto os modelos culturais a que os domínios se associam (RADDEN; KÖVECSES, 1999, p. 20).

Durante várias décadas, prevaleceu na Linguística Cognitiva a visão da metáfora conceptual conforme apresentada em Lakoff e Johnson (1980) e revista em Lakoff (1993), em cuja concepção, contrariando teorias tradicionais em que era vista como uma questão apenas linguística, a metáfora é um mecanismo cognitivo por meio do qual um domínio conceptual (a fonte) é mapeado em outro domínio conceptual (o alvo), no sentido de se observarem correspondências conceptuais (LAKOFF, 1993; BARCELONA, 2003a). Na noção de Metáfora Conceptual, portanto, a metáfora é uma figura de pensamento, cujos efeitos, as “expressões metafóricas” (LAKOFF, 1993, p. 203) aparecem e transparecem na língua em uso e podem adicionar, revelar ou criar novos significados lexicais.

Os estudos e publicações sobre metáfora e metonímia se intensificam cada vez mais, não apenas em virtude da crescente percepção da relevância do papel desses processos cognitivos nos estudos linguísticos e, em particular, da constatação da abrangência do papel da metonímia na gramática, mas também pela necessidade de uma definição mais precisa de termos, assim como de critérios mais eficientes de diferenciação entre metonímia e metáfora.¹

Para os fins deste trabalho, embora ciente dos problemas inerentes à definição de conceitos como domínio, ICM e “frame”, adoto a definição de metonímia de Radden e Kövecses (1999) com alterações mínimas, entendendo, assim, a metonímia como um processo cognitivo em que uma região ou entidade interna a um domínio conceptual – a fonte –, provê acesso a outra – o alvo –, dentro do mesmo domínio conceptual. Adicionalmente, levo em consideração a visão de Langacker da metonímia em termos de ponto de referência. De acordo com Langacker (2009, p. 52), podemos estabelecer uma entidade como ponto de referência com o objetivo de formar uma conexão mental com outra, propiciando, dessa maneira, acesso a um alvo mental por meio de outro, dentro do mesmo domínio conceptual.

Assim, por exemplo, é comum (e frequente em exemplos de metonímia) a referência ao governo pela menção ao local que se constitui como a sede do governo (Planalto, Casa Branca etc.); a pacientes hospitalares pela menção de sua doença (a úlcera, o enfarto); a pessoas ou animais, por partes significativas do corpo (cabeças, mãos, braços,); a pessoas ou objetos por meio de suas propriedades características; e assim por diante, como vemos nos exemplos abaixo (1):

- (1) a. A situação dos presídios preocupa o Planalto (= governo do Brasil).
- b. O enfarto vai receber alta amanhã (= paciente que teve enfarto).
- c. Ele tem um rebanho de mais de dez mil cabeças (= animais).
- d. Este doce é uma delícia (preparado alimentar com gosto doce).

A noção de domínio é essencial na delicada e discutida distinção entre metáfora e metonímia, sendo essa última restrita à conexão entre duas entidades ou regiões conceptuais dentro do mesmo domínio, enquanto a metáfora envolve domínios conceptuais diferentes. Assim, podemos entender a metáfora como um processo de integração conceptual envolvendo domínios distintos.

De acordo com a Teoria da Metáfora Conceptual, a metáfora é central à semântica das línguas naturais, de modo que o estudo da metáfora literária é apenas uma extensão

¹ Ver por ex., Ortony (1993); Panther e Radden (1999); Gibbs e Steen (1999); Dirven e Pörings (2003); Barcelona (2003b); Panther, Thornburg e Barcelona (2009); Benczes, Barcelona e Ibáñez (2011); etc.

do estudo da metáfora cotidiana (LAKOFF, 1993, p. 203). Este trabalho, entretanto, como ficará claro na parte final, reconhece e tem como objeto de investigação uma terceira situação, a do papel das expressões metafóricas nas construções lexicais compostas, o que inclui sua função poética na linguagem usual e na constituição do léxico.²

Na verdade, a quase totalidade dos estudos sobre metáfora e metonímia como processos cognitivos que se desenvolveram nas últimas décadas tem focalizado essencialmente a língua em uso. Mas, a metáfora e a metonímia exercem um papel de crucial relevância na constituição do léxico.

De fato, como observado anteriormente, muitos padrões lexicais se constituem em instrumentos eficientes de expansão lexical exatamente por causa de sua interação com padrões metonímicos (BASILIO, 2009, p. 102). Essa interação é clara, por exemplo, nos casos de conversão adjetivo/substantivo em português, tais como *velho*, *santo*, etc. Esses adjetivos dão origem a substantivos a partir do padrão metonímico *Característica por Indivíduo*, conforme exemplificado em (2):

- (2) a. João está ficando velho.
b. Você está vendo aquele velho atravessando a rua?

A interação entre processos morfológicos e padrões metonímicos é tão onnipresente e internalizada que, muitas vezes, é difícil de perceber. No entanto, como veremos na próxima seção, a metonímia é de grande relevância em um contingente significativo de construções lexicais derivadas.

A metonímia na derivação

Entendemos como sendo do âmbito da derivação os processos de formação de palavras que consistem na adição de afixos a um radical ou base. Entretanto, uma definição puramente estrutural é insuficiente: o aspecto funcional da derivação como processo de formação de palavras é igualmente relevante. Neste ângulo, deve-se salientar que a derivação é o espaço das formações de resultado previsível, dado que a estrutura representa a adição de formas presas, isto é, formas sem autonomia, cuja razão de ser é exatamente a utilização funcional nos processos de formação de palavras, de motivação gramatical ou semântica. Em outras palavras, o teor de previsibilidade é alto porque as propriedades das palavras derivadas são pré-determinadas pela função dos afixos (BASILIO, 1987, p. 28).

Qual seria, então, o papel da metonímia na formação de palavras derivadas? A resposta a essa questão fica clara se examinarmos de perto alguns desses processos. É o que será feito a seguir.

Nomes de agente deverbais *X-dor*

Tradicionalmente, a formação de substantivos deverbais de estrutura *X-dor* é tida como uma das instâncias de um processo mais abrangente; a formação de substantivos a partir de verbos, por sua vez, é entendida como um processo de formação de palavras que tem

² Embora não se possa separar o léxico do uso da língua, os enfoques são diferentes.

por objetivo a mudança de classe. De fato, a mudança de classe é envolvida na formação dos substantivos deverbais de estrutura *X-dor*, os chamados “nomes de agente”. Mas, as formações *X-dor* não existem apenas para representar lexicalmente o agente sintático em construções nominais paralelas a construções verbais como em (3):

- (3) a. Quem organizou o Congresso foi o Professor Fulano.
- b. O organizador do Congresso foi o Professor Fulano.

Na verdade, a utilização de nomes de agente *X-dor* tem mais visibilidade com a função semântica de designar um indivíduo enquanto agente, isto é, efetivador do ato denotado pelo verbo, como nos exemplos (4) e (5),

- (4) João é um bom administrador (=administra bem).
- (5) O time X é o vencedor do campeonato (=venceu o campeonato).

em que as formas *X-dor* se referem, respectivamente, a um agente permanente de *administrar* e a um agente ocasional de *vencer*.

Adicionalmente, a função semântica de denotação do agente por meio do significado do verbo tem como efeito a utilização direta de formações *X-dor* na terminologia profissional e ocupacional, assim como a designação de indivíduos em termos circunstanciais, genéricos e habituais, como vemos em (6):

- (6) a. Profissionais: administrador, cobrador, varredor, digitador, contador, etc.
- b. Ocupacionais: trabalhador, coordenador, orientador, velejador, etc.
- c. Circunstanciais: devedor, perdedor, colaborador, portador, etc.
- d. Genéricos: roedor, conciliador, sonhador, ameaçador, conservador, etc.
- e. Habituais: madrugador, falador, colecionador, contestador, etc.

Nos exemplos acima, os indivíduos denotados o são apenas enquanto crucialmente envolvidos no processo verbal correspondente. Temos, portanto, na formação dos nomes de agente, a metonímia *Indivíduo por Ato Verbal*, visto que um indivíduo é designado, sim, mas apenas enquanto elemento identificado pelo significado do verbo. Trata-se, pois, de um processo semântico de identificação de atores correspondentes a significados verbais, claramente distinto da mudança de classe de motivação gramatical ou textual. Assim, talvez possamos, ou mesmo devamos, dizer que a mudança de classe efetivada no substantivo deverbal *X-dor* decorre de sua função semântica de metonimicamente designar indivíduos por meio do significado do verbo; ou, de outro ângulo, designar indivíduos tomando o verbo como ponto de referência.

Adicionalmente, tendo em vista que o chamado nome de agente denota um indivíduo enquanto executor real ou potencial do ato representado pelo verbo, podemos avançar a observação de que o fundamental na construção correspondente é nomear um X enquanto crucialmente relacionado ao ato verbal, o que abrange o fato de termos não apenas agentes, mas também instrumentos nessas construções, como se vê em (7):

- (7) Liquidificador – refrigerador – moedor – ventilador – apagador – secador.

A relação entre agentes e instrumentos, além de morfológicamente inegável, é evidente também do ponto de vista semântico, derivando da metonímia *Instrumento por*

Agente, que expressa a associação imediata entre um agente e o instrumento usado para efetivar uma ação.³

Em suma, o chamado nome de agente é uma construção simbólica que pode se referir a indivíduos ou objetos, com a finalidade de designar aquele/aquilo que corresponde ao sujeito de um ato verbal. Podemos, então, considerar a metonímia *Ato por Agente*, com seus correlatos, como o padrão semântico correspondente à construção sufixal *X-dor*.

Outro aspecto a se considerar nas formações *X-dor* é que a denotação de indivíduos por alguma atividade ou ato explicitado no significado do verbo também corresponde a uma categorização sociocultural. Ou seja, o significado do verbo é um ponto de referência para a identificação do papel do indivíduo na sociedade. A formação *X-dor*, portanto, corresponde também à metonímia *Indivíduo por Função Social*, óbvia em exemplos como os de (8),

(8) consumidor – governador – trabalhador – fornecedor – agitador,

mas presente em todos os nomes de agente de caráter profissional ou ocupacional.

Finalizando esta brevíssima exposição do papel da metonímia nos nomes de agente *X-dor*, é importante acrescentar que a formação *X-dor* designa tão somente indivíduos e objetos por seus atos e funções, isto é, utiliza um ponto de referência para a designação. Muitas vezes, no caso do nome de agente ou instrumento, essa informação cobre o todo; mas, na maioria dos casos, não há coincidência absoluta entre a designação e os atos exercidos, assim como as demais características dos elementos nomeados.

Por exemplo, um nome de agente como *lavador* caracteriza alguém que lava carros como ocupação; a designação não se aplica ao dono que lava seu próprio carro ou a alguém que lave profissionalmente algum outro objeto. Do mesmo modo, *liquidificador* é um instrumento utilizado para tornar ou aproximar do estado líquido substâncias comestíveis, mas não outras substâncias; e é um objeto com forma e funcionamento relativamente definidos. Do mesmo modo, há governadores que não governam e orientadores que não orientam, assim como há pessoas que matam, mas apenas o profissional é designado *matador*; e assim por diante.⁴

Nomes de paciente: construções lexicais *X-do*

O segundo exemplo a ser considerado sobre o papel da metonímia na derivação é o que aqui denomino de “nomes de paciente”.

De modo paralelo ao das formações *X-dor*, podemos construir palavras de estrutura *X-do* para denotar indivíduos enquanto pacientes ou afetados de modo relevante pelo ato verbal.⁵ Alguns exemplos estão em (9):

(9) Convidado – orientado – aposentado – associado – empregado.

3 Outra possibilidade seria considerar a metáfora Instrumentos são Agentes, que justificaria usos do tipo “A chave abriu a porta” etc., o que ilustra o difícil problema de critérios de distinção entre metáfora e metonímia.

4 Esta análise se restringiu às formações *X-dor*, mas a grande maioria das propriedades analisadas, assim como o papel da metonímia, se verificam também nas formações históricas (*escritor*, *professor* etc.), assim como nas formações *X-nte* e nos nomes de agente deverbais formados com os sufixos *-eiro* e *-ista*. Para análises mais detalhadas, ver Basilio (1995, 2005, 2009, 2011), Miranda (1980), Gonçalves et al. (1999), etc.

5 Para uma análise mais detalhada de nomes em *X-do*, ver Flores (2013).

Essas formações são menos visíveis enquanto entidades autônomas do que as formações *X-dor*, na medida em que têm a mesma forma que o particípio passado. Entretanto, apresentam propriedades plenas de substantivo e, analogamente aos nomes de agente, são substantivos que designam indivíduos enquanto crucialmente envolvidos numa ação, explicitada na base verbal. A diferença entre as duas formações, do ponto de vista semântico, é que as construções *X-do* designam o indivíduo não como agente, mas como paciente ou afetado pelo ato verbal. Ou seja, ser afetado por um ato verbal é o ponto de referência para o acesso ao indivíduo assim caracterizado. Em ambos os casos, o papel da metonímia é claro: seja no caso do nome de agente, seja no do nome de afetado, o verbo (fonte) é utilizado para nos levar ao conceito correspondente ao alvo, a saber, o indivíduo caracterizado como agente ou como afetado pelo ato verbal, como fica evidente na oposição *orientador/orientado*.

É de se ressaltar que o alvo conceitual é o significado do nome de agente ou de afetado, e não a suposta soma de partes de significados que encontraríamos numa análise morfológica, claramente insuficiente. Por exemplo, *indiciado* é um sujeito que se caracteriza na sociedade pelo fato de ter sido indiciado num inquérito criminal, assim como *malfeitor* é um agente execrado pela sociedade e não, por exemplo, um adolescente que fez algo mal feito. Do mesmo modo, *orientador* e *orientado* só podem ser entendidos dentro do domínio acadêmico do sistema de pós-graduação. Neste tipo de construção, portanto, analogamente aos nomes de agente, temos não apenas a metonímia *Ato por Afetado*, mas também a metonímia *Função Social por Indivíduo*.

A noção de afetação por um ato verbal também designa por caracterização objetos, concretos e abstratos, além de indivíduos. Alguns exemplos estão em (10):

- (10) a. Cozido – assado – bordado – tecido – grelhado – povoado.
b. Passado – atentado – achado – significado – pedido – dado.

Nos exemplos acima, podemos observar que também se aplica aos nomes de paciente a provável discrepância entre o significado do verbo e a totalidade das características atribuídas ao nome derivado. Assim, por exemplo, *cozido* é um preparado alimentar que tem no verbo *cozer* um ponto de referência, mas corresponde a um prato específico e não a qualquer coisa cozida; *assado* é um termo que corresponde a algum tipo de carne vermelha e não a qualquer comestível que tenha passado pelo processo de assar; *empregado* corresponde a indivíduos afetados pelo ato de empregar, mas o termo não se aplica igualmente a todos os tipos de emprego no mercado de trabalho; e assim por diante.

Por causa da identidade de forma entre construções *X-do* como nome de paciente e formações de particípio passado, poderíamos dizer que os nomes de paciente seriam adequadamente analisados como adjetivos oriundos de formas do particípio passado que se tornaram substantivos por conversão. Essa é uma análise viável, que tem algum suporte no fato de encontrarmos formações históricas com as mesmas características, embora apresentando a forma correlata ao particípio passado latino, como em (11):

- (11) Preso – produto – dito – feito – escrito – pressuposto – conceito.

Esse fato, no entanto, é de impacto limitado enquanto não tivermos evidência sobre a proporção dessas formações em relação às formações *X-do*. Por outro lado, embora

a análise das formações *X-do* em termos de conversão possa ser feita, não há razão para negarmos a possibilidade de emergência de um padrão morfológico [*X-do*]s relacionado à metonímia *Paciente Verbal por Indivíduo*, o que, aliás, parece ter sido o caso.

Diminutivo: construções lexicais *X-inho*

Passamos, agora, a analisar a formação sufixal de diminutivos em construções *X-inho*, que constituem a maioria das formações de diminutivo no português do Brasil. Tradicionalmente, a formação de diminutivos é relacionada à expressão da dimensão reduzida, a partir de uma noção implícita de dimensões consideradas normais numa determinada comunidade, embora também já seja mencionado nas gramáticas normativas o valor afetivo do uso do diminutivo.⁶ Estudos mais recentes, no entanto, indicam fortemente a centralidade do uso do diminutivo em funções de cunho discursivo, embora a noção de dimensão continue presente, seja isoladamente, seja mesclada ao valor afetivo.⁷

Nesta seção, vou tratar de duas instâncias de uso da construção diminutiva *X-inho*. A primeira apresenta função denotativa, relacionada à dimensão; a segunda é de função discursiva.

Exemplos de função denotativa em construções *X-inho* são apresentados abaixo (12):

(12) Xicrinha – colherinha – tesourinha – salgadinho – coxinha – docinho.

Nessas construções, o referente é designado pelo tamanho, a partir de uma base comum a outro referente relacionado, mas distinto. Assim, por exemplo, *colherinha* é um tipo de colher especialmente pequena, utilizada para o cafezinho (aliás, esse seria também um exemplo de função denotativa do diminutivo, mas com o sufixo *-zinho*). Ou seja, nesse tipo de construção, não se trata de referência a um X com dimensão reduzida, mas de designação de um XY enquanto relacionado, porém distinto de X, e tendo, entre outras propriedades, a dimensão reduzida. Isto é, *tesourinha* não se refere simplesmente a uma tesoura pequena, mas denota um tipo especial de tesoura, que tem o tamanho pequeno como uma de suas características. Nesse tipo de formação, portanto, utiliza-se o sufixo marcador de diminuição acidental de um referente para a denotação de um referente em que o tamanho diminuto é uma propriedade permanente, o que corresponde à metonímia Propriedade Acidental por Propriedade Intrínseca.

O diminutivo em função discursiva apresenta diferentes manifestações, abrangendo o uso afetivo, depreciativo e atenuativo, conforme ilustrado abaixo (13):

- (13) a. Benzinho, traz minha cervejinha?
b. Em casa, prefiro usar esses vestidinhos simples.
c. Estou acabando, espera só um minutinho!

Aqui, vou mencionar em especial o diminutivo utilizado pelo adulto quando fala com crianças (*baby talk*). Nessa situação discursiva, observa-se que o diminutivo, embora mantendo seu escopo morfológico, no sentido de que permanece a marca do diminutivo por meio da sufixação, deixa de ter restrições no que tange aos substantivos em que a

⁶ Ver, por ex., Said Ali (1965), Rocha Lima (1976), Bechara (s/d) etc.

⁷ Para uma análise detalhada do uso do diminutivo no português brasileiro, ver Turunen (2009).

noção de tamanho não seria aplicável e se espraia pelo discurso como um todo. Esta situação, ilustrada abaixo (14 e 15),⁸

(14) MÃE: Quantos aninhos tem a Jéssica?

JES: Dois.

(15) MÃE: Tá, deixa ele aí e vamos passar creminho, vem.

JES: Sujar toda de creme.

MÃE: De creminho. Então, vem passar creminho. Vem, deita aqui.

pode ser caracterizada como manifestação da metonímia Interlocutor por Referente, em que a presença dos diminutivos no enunciado é a fonte que estabelece conexão com o alvo, a saber, o tipo de interlocutor, dentro de um mesmo domínio conceptual, o ato de fala.

Finalizando, é de se ressaltar que os casos apresentados não esgotam a presença da metonímia em formas derivadas. Entre outras instâncias já analisadas no português do Brasil, incluem-se construções como substantivos deverbais de ação, nomes de agente denominais, verbos denominais e substantivos formados de adjetivos por conversão.⁹

Metáfora em compostos lexicais

Nesta seção, abordamos o papel da metáfora em compostos lexicais. Conforme observamos anteriormente, a metáfora será aqui entendida como uma figura de pensamento que integra material conceptual de domínios conceptuais distintos.

A noção de composto é controversa nas abordagens normativas, assim como em estudos morfológicos da língua portuguesa.¹⁰ Neste trabalho, entendemos por compostos lexicais construções que consistem de duas ou mais palavras e que, embora não sejam necessariamente palavras, do ponto de vista estritamente morfológico, devem ser consideradas como palavras do ponto de vista lexical, no sentido de apresentarem significado estável, não admitindo elementos interferentes e não constituindo proposições. De acordo com esse critério, são compostos lexicais não apenas todos os compostos morfológicos, tais como *meritocracia*, *guarda-chuva* e *italo-belga*, mas também sequências S+Adj, S+S e S+de+S em que o substantivo apresenta flexão, como *carta-branca*, *avião-tanque*, *pé de moleque*. No entanto, sequências como *suco de laranja*, *bom de bola*, *boa noite* e *água mineral* não serão consideradas como compostos lexicais.

Inicialmente, faço uma releitura de três exemplos de compostos apresentados em trabalhos anteriores envolvendo a palavra *olho*: *olho de sogra*, *olho mágico* e *olho d'água*.¹¹

Em *olho de sogra*, temos uma metáfora de similaridade, mas a transferência de domínio é drástica e o conhecimento enciclopédico contribui em grande parte para a

8 Os exemplos, retirados de Turunen (2009), constam do Corpobras (Compilação de um corpus representativo do Português do Brasil e análise multidimensional da variação entre gêneros discursivos), coordenado pela Prof^a Lucia Pacheco de Oliveira (PUC-Rio).

9 Ver Basilio (2004a, 2004b, 2007, 2009, 2011).

10 Ver, por ex., Câmara (1997), Sandman (1989), Mateus (2003), Alves (2007), Henriques (2007), Santos (2009), Rio-Torto et al. (2013), dentre muitos outros.

11 Ver Basilio (1987, 2006).

motivação da construção. Conforme observei em 1987, “o docinho referido certamente tem algo das características de um olho, mas a associação com olho é desagradável, daí o uso do termo *sogra*, que é um personagem tido como desagradável em nossa cultura” (BASILIO, 1987, p. 32). Ou seja, a composição mescla conceitos tanto horizontal quanto transversalmente, associando a semelhança formal do doce a um olho esbugalhado ao conceito de sogra, em referência a um docinho que praticamente só se encontra em festas infantis, ou seja, em situações familiares. Assim, no doce designado como *olho de sogra*, predica-se o alvo (o docinho) através da associação dos domínios conceptuais do corpo (olho) e familiar (visão cultural da sogra). É do domínio *familia*, portanto, que devemos contemplar o doce, já colocado o tom pejorativo no ponto de referência. Trata-se, pois, de uma metáfora conceptual complexa, que joga ao mesmo tempo com a similaridade e a estrutura cultural que motiva o composto.

O segundo exemplo, *olho-mágico*, é mais simples, embora possa ser analisado de duas maneiras. A analogia do pequeno orifício que se coloca nas portas de apartamentos para nos proteger de visitantes indesejáveis, permitindo-nos ver sem sermos vistos é evidente em relação ao olho, também este sendo uma abertura que permite a visão. Temos, pois, a projeção do domínio do corpo para o domínio da arquitetura, mas também incorporando o elemento da invisibilidade, característico do mecanismo das portas, em oposição aos nossos olhos e todo o nosso corpo quando estamos exercendo o ato de ver em situações normais. A invisibilidade é aludida e predicada ao olho metafórico pelo adjetivo *mágico*. Assim, temos uma motivação óbvia para a metáfora do olho, mas a similaridade é exclusivamente funcional, ao contrário do primeiro exemplo, que explora conceitualmente a similaridade formal. A segunda metáfora corresponde à transferência de um mecanismo objetivo ao domínio da magia, mecanismo largamente utilizado como estratégia mercadológica.

O composto *olho-mágico* permite ainda uma análise alternativa, de cunho metonímico, já que o orifício que nos faz ver através da porta se associa, por contiguidade também funcional, ao nosso olho, que é o real visor do que se encontra para além da porta.

O terceiro exemplo é *olho-d'água*, nome que se dá a uma pequena fonte, em geral esporádica. Temos agora uma associação do pequeno ponto de saída da água com o olho, dada a similaridade da situação das lágrimas que surgem nos olhos e escorrem pela face, assim como a água brota de um determinado ponto do solo e escorre pela terra. Temos, portanto, expressa no composto a transferência de um evento e seu resultado do domínio do corpo humano para o domínio dos incidentes geográficos, por assim dizer.

Esses exemplos ilustram a função poética da metáfora, que tem forte presença nas formações compostas, o que é perfeitamente compatível com a noção de metáfora conceptual: a metáfora é fundamentalmente um mecanismo cognitivo que está por trás de diferentes usos linguísticos, dentre os quais se incluem construções lexicais para efeitos de designação ou predicação de seres, de caráter expressivo ou não. Nos exemplos citados, temos três diferentes instâncias de designação expressiva, embora sejam palavras de uso corriqueiro.

Mas, por que designar por metáforas? Por um lado, porque a função poética, como Jakobson observou há décadas, é uma das funções da linguagem; aliás, uma função crucial, no que tange ao poder de persuasão. Por outro lado, do ponto de vista da teoria lexical, porque as metáforas chamam a atenção, o que torna mais fáceis de memorizar os itens

lexicais correspondentes; e designam novas entidades utilizando material já existente no léxico, estabelecendo associações.¹² Ou seja, metáforas de designação unem o útil ao agradável, por assim dizer.

Prosseguindo, focalizo compostos metafóricos de estrutura S+S, em que o segundo substantivo predica o primeiro, como em (16),

(16) Funcionário-fantasma; palavra-chave.

que são exemplos conhecidos e já formaram um padrão, de modo que outras formações foram e serão feitas, tais como as (17):

(17) Empresa-fantasma; testemunha-chave.

Nessas construções, o segundo substantivo é usado para predicar o primeiro. A pergunta óbvia é por que não usamos um adjetivo. E, em última análise, a resposta é igual à dos primeiros exemplos analisados, apesar de se tratar de construções de estrutura diferente. Em (16) e (17), o segundo substantivo de cada construção é deslocado de sua função primária de designação para a de predicação, característica dos adjetivos; isso já provoca um estranhamento, que contribui para a força da predicação.

Devemos observar, por outro lado, que, embora se utilize a forma do substantivo como segundo elemento do composto, o elemento predicador não coincide com o(s) significado(s) globais do substantivo, mas seleciona determinadas propriedades deste. Por exemplo, *chave* predica algo como crucial; *fantasma* atribui ao primeiro elemento uma aura de existência dúbia que se converte em franca afirmação de ilegalidade e corrupção; e assim por diante.

A seleção de propriedades que mencionamos acima revela que a metáfora nesse padrão composicional está emaranhada com a metonímia. No ângulo mais gramatical, temos a metonímia *Substantivo por Adjetivo*; semanticamente, além de *Designação por Predicação*, temos a mais comum das metonímias, o *Todo pela Parte*. Mais especificamente, utilizamos em construções compostas S+S de cunho predicativo o segundo substantivo para predicar o primeiro, assim constituindo o composto. Portanto, usamos o substantivo, ou seja, uma designação, como fonte para atingir um alvo de predicação. Contudo, como observamos acima, o que predica o primeiro substantivo não é a totalidade do poder designador do segundo, mas apenas algumas propriedades selecionadas para a predicação. Assim, a construção S+S de cunho predicativo é também uma construção de base metonímica.

A esse aspecto metonímico adiciona-se o processo metafórico, na medida em que entidades de domínios diferentes se fundem na formação do composto: o domínio do primeiro substantivo é caracteristicamente distinto do domínio do segundo substantivo nessas construções. Por exemplo, *fantasma* não pertence ao domínio do “real”, no qual se situam todos os substantivos que ocupam a primeira posição nos exemplos; e *chave* está no domínio dos instrumentos.

O ponto mais interessante no aspecto metafórico desse tipo de composto, no entanto, é o seu caráter intermediário, já que a(s) propriedade(s) selecionadas do segundo substantivo são atribuídas ao primeiro, isto é, não temos uma situação em que um conceito do domínio fonte leva a um conceito alvo de outro domínio; mas uma construção em que o conceito

¹² Como vemos nos exemplos citados, todos baseados na palavra *olho*.

evocado pelo substantivo fora dessa construção é substituído por outro que mantém o primeiro substantivo, mas transferido para um outro domínio pela predicação. Assim, *funcionário-fantasma* não é um funcionário, mas algo forjado e, portanto, uma fraude; a *palavra-chave*, mesmo sendo uma palavra,¹³ deixa de sê-lo gramaticalmente para ser um elemento de busca de informação; e assim por diante.

Finalizando essa breve análise do papel simultâneo da metáfora e da metonímia em compostos de estrutura S+S, resalto que temos, também nesses casos, a utilização de termos já existentes para novas construções, sendo que essa utilização apresenta um desvio do que é esperado, dando às novas formações um caráter de expressividade.¹⁴

A metáfora na formação de palavras se concentra na formação de compostos e tem uma função poética e mnemônica. Compostos metafóricos chamam a atenção e estabelecem associações inesperadas, sendo, *ipso facto*, mais fáceis de memorizar. Entretanto, o uso desfaz a sensação de estranhamento com relativa rapidez. Assim, o destino desses compostos é o de perder a força expressiva à medida em que forem mais e mais usados. Mas, uma vez consolidados pelo uso, já estará concluído o processo de lexicalização e, portanto, cumprido o papel dos mecanismos envolvidos na constituição do léxico.

Concluo o trabalho, portanto, enfatizando o papel da metonímia e da metáfora na constituição do léxico como sistema dinâmico de conservação e produção de conhecimento linguístico-enciclopédico. Tanto a metáfora quanto a metonímia correspondem a potenciais de evocação de itens lexicais que são, assim, revelados e, eventualmente, configurados como mais visíveis, podendo atingir a condição de lexicalização. Adicionalmente, conforme vimos, metáfora e metonímia são bases de sustentação de esquemas de formação de palavras que atuam juntamente com as partes mais visíveis de construções derivadas ou compostas.

REFERÊNCIAS

ALVES, I. M. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007. 93 p.

BARCELONA, A. Clarifying and applying the notions of metaphor and metonymy within cognitive linguistics: an update. In: DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Org.). *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003a. p. 207-277.

_____. (Org.). *Metaphor and metonymy at the crossroads*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003b. 356 p.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987. 96 p.

_____. O fator semântico na flutuação substantivo/adjetivo em português. In: HEYE, J. (Org.). *Flores Verbais*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. p. 177-192.

_____. *Formação e classes de palavras no Português do Brasil*. São Paulo: Contexto,

13 As palavras-chave são unidades terminológicas, que frequentemente se constituem de sequências estruturadas de palavras.

14 Além de outras funções. Por exemplo, *fantasma* em lugar de *falso* é bastante útil como eufemismo, dadas as eventuais implicações políticas e jurídicas de uma designação mais objetiva.

2004a. 96 p.

_____. Fatores funcionais e cognitivos na flutuação N/Adj no Português do Brasil. In: SILVA, A. S.; TORRES, A.; GONÇALVES, M. (Org.). *Linguagem, cultura e cognição*. Coimbra: Almedina, 2004b. v. II, p. 175-184.

_____. Estrutura linguística e conhecimento do mundo nas construções lexicais. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M. C. (Org.). *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005. p. 299-308.

_____. Metaphor and metonymy in word formation. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 22, n. especial, p. 67-80, 2006.

_____. O papel da metonímia nos processos de formação de palavras: um estudo dos verbos denominais em Português. *Revista da ABRALIN*, v.6, n. 2, p. 9-21, jul./dez. 2007.

_____. The role of metonymy in word formation: Brazilian Portuguese agent noun constructions. In: PANTHER, K.-U.; THORNBURG, L.; BARCELONA, A. (Org.) *Metonymy and metaphor in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 99-109.

_____. O papel da metonímia na morfologia lexical. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 9, n. 5, p. 99-117, nov. 2011.

BECHARA, E. *Moderna gramática Portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional, [s.d.]. 374 p.

BENCZES, R.; BARCELONA, A.; IBÁÑEZ, F. J. (Org.) *Defining Metonymy in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. 284 p.

CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 18. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1997. 262 p.

DIRVEN, R.; PÖRINGS, R. (Org.) *Metaphor and metonymy in comparison and contrast*. Berlim: Mouton de Gruyter, 2003. 605 p.

FLORES, F. *A conversão adjetivo/substantivo em formações deverbais X-do no Português do Brasil*. 2013. 92f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

GIBBS, R. W.; STEEN, G. J. (Org.) *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. 225 p.

GONÇALVES, C. A. et al. Delimitando as formas X-eiro no Português do Brasil. In: BASILIO, M. (Org.) *A delimitação das unidades lexicais*. Rio de Janeiro: Ed. Grypho, 1999. p. 115-139.

HENRIQUES, C. C. *Morfologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007. 202 p.

LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. Metonymic grammar. In: PANTHER, K.-U.; THORNBURG, L.; BARCELONA, A. (Org.) *Metonymy and metaphor in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 45-71.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 5. ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. 1127 p.

MIRANDA, N. S. *Agentivos denominais e deverbais: um estudo da produtividade lexical em português*. 1980. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.

ORTONY, A. (Org.) *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. 678 p.

PANTHER, K.-U.; THORNBURG, L.; BARCELONA, A. (Org.) *Metonymy and metaphor in grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 2009. 423 p.

RADDEN, G.; KÖVECSES, Z. Towards a Theory of Metonymy. In: PANTHER, K.-U.; RADDEN, G. (Org.) *Metonymy in language and thought*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 17-59.

RIO-TORTO, G. et al. *Gramática Derivacional do Português*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. 512 p.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. 506 p.

SAID ALI, M. *Gramática Secundária da Língua Portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1965. 248 p.

SANDMANN, A. J. *Formação de Palavras no Português Brasileiro Contemporâneo*. Curitiba: Icone/Scientia et Labor, 1989. 185 p.

SANTOS, A. V. *Compostos sintagmáticos nominais VN, NN, NA, NA e NprepN no Português Arcaico (Sécs. XIII-XVI)*. 2009. 276 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

TURUNEN, V. *A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil*. 2009. 194f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Estudos da Linguagem) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.